Numero 323 Domingo, 22 de Abril de 1888 7.º Anno

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO — ANNO 50 (NUMEROS) 1$000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
FORA D'AVEIRO ANNO (50 NUMEROS) 1$125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 570 RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL.. 2$000 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANNUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ALFANDEGA, NUMERO 7.

AVEIRO

A REAL APOTHEOSE

Já o disse o nosso correspondente de Lisboa, que tem posto no seu verdadeiro terreno as questões dos ultimos dias: nada mais servil, mais degradante e mais indigno dos brios d'um povo que essa pretendida apotheose de sua magestade a rainha pela sua viagem ao Porto. E melhor o disse acceitando a supposição, admittindo a hypothese de que o regimen, que sua magestade representa, não tenha nenhuma responsabilidade no incendio do theatro Baquet.

Os regimens governativos teem alguma coisa com os desastres d'esta natureza? Teem muito, teem tudo. E a pergunta não abonaria o senso e a intelligencia de quem a fizesse! Teem tudo, quando a incuria é a norma geral, a irresponsabilidade principio seguido, e o desprezo dos governados conducta corrente d'um d'esses regimens. Teem tudo, quando se chega a concluir que morreram cem pessoas queimadas, que ficaram na orphandade dezenas de creanças, uma cidade inteira coberta de lucto, porque os representantes d'um d'esses regimens não attenderam ás observações judiciosas, ás reclamações, aos pedidos, quasi ás supplicas do inspector dos incendios. E quando se vê ficarem impunes, *considerados e honrados*, os funccionarios criminosos e maus! Teem tudo, quando um caso d'incuria e *irresponsabilidade* como esse do theatro Baquet não é unico e só, mas o *pão quotidiano* de qualquer fórma de governo.

Em Portugal ha um ministro d'estado, a que se lança o epitheto affrontoso d'infamissimo canalha que entrou no ministerio da fazenda para roubar os cofres publicos, que não desce do seu logar, nem lhe mandam largar a sua pasta, para que a justiça cumpra o dever de o rehabilitar, pelo exame frio dos seus actos, ou de rehabilitar a consciencia nacional, ferida de morte por tão grave e tão extraordinaria suspeita n'um dos seus primeiros magistrados. Em Portugal ha outro ministro que permanece no exercicio do seu cargo atravez d'accusações deshonrosas, d'accusações infamantes. Em Portugal ficam impunes os altos funccionarios civis e militares accusados pela opinião publica d'espesinharem a lei dia a dia, de cuspirem o decôro nacional, de roubarem, de prevaricarem. Porquê? Porque o unico poder entre nós é o rei, segundo a confissão insuspeita do proprio Rodrigues Sampaio. Porque o arbitrio e a *confiança* da corôa é que legislam, é que determinam, é que podem e governam. São os factos que o dizem, e centos de vezes, na imprensa, o teem confirmado os mesmos conselheiros do rei.

Ha pouco ardeu em Paris o theatro da Opera Comica. Não nos consta que o inspector dos incendios d'aquella grande cidade escrevesse, sem resposta, uma dezena d'officios ao governador civil sobre a impossibilidade do theatro funccionar. Poderia haver qualquer pequena negligencia em cumprir os regulamentos, da parte das auctoridades policiaes. Mas sem nenhuma das circumstancias aggravantes, que revestem a criminosa indifferença do governador civil do Porto, surdo a relatorios, aos artigos da imprensa, a todas as reclamações que lhe fizeram. E, dias depois, o telegrapho noticiava-nos a condemnação do emprezario por não ter cumprido umas pequenas determinações que lhe haviam sido feitas pela auctoridade.

Como moralmente foi condemnado Grevy, e expulso das cumiadas do poder, só porque no seu palacio se acoitou um especulador. Como foi condemnado Wilson em primeira instancia a uns tantos annos de prisão, e, ainda que solto pelo tribunal superior por *falta de lei* que attingisse o seu crime, tambem moralmente condemnado por esse mesmo tribunal nos considerandos que todo o mundo conhece. Como teem sido repellidos do exercicio das suas funcções e mettidos na cadeia varios outros funccionarios, apezar da Republica, na evolução lenta das ideias e com a demora da lucta que vem sustentando com mil velharias e mil preconceitos, ainda não ter obtido aquelle grande aperfeiçoamento que todos os espiritos democratas desejam.

Sem duvida que nenhuma fórma de governo tem á mão o meio d'evitar os incendios e outros cataclismos. Mas tem o meio de prevenir, de attender aos clamores razoaveis e justos, de reduzir o perigo e castigar os criminosos. E n'esse sentido, só algum ingenuo ou algum ignorante da mais baixa esphera poderá duvidar de que a monarchia portugueza não tivesse culpa no incendio Baquet, como em muitos outros desastres que temos soffrido, tanto mais sanccionando, como está sanccionando pela impunidade, a incuria e o relaxamento dos seus funccionarios.

Mas bem. Este jornal já admittiu a hypothese de que o regimen, *que infelizmente nos rege*, não tivesse culpa nenhuma no desastre do Porto. Que heroicidade, que feito extraordinario praticou sua magestade a rainha para os canticos de gloria que lhe estão erguendo para ahi? Insistimos n'este ponto, porque essa apotheose real, que toda a imprensa monarchica tem feito, é a maior vergonha porque um povo póde passar.

Não censurâmos a sr.ª D. Maria Pia. Temos até muito menos com essa senhora do que temos com os seus reles aduladores, por quem sua magestade, sem duvida, será a primeira, se lhes comprehender os intuitos do servilismo degradante, a ter o mais profundo desdem. Não censurâmos a sr.ª D. Maria Pia por ter ido ao Porto. Não, que sua magestade não fez mais que cumprir um dever. Censurâmos os escribas esfomeados que fizeram d'esse dever simples, d'esse dever insignificante, corôa de louros com que enaltecem a fronte da rainha de Portugal.

Romagem de caridade! Como? Porquê? Eis o ponto decisivo e unico. Se a corôa não tem obrigações nem deveres para com o paiz, os escribas lavraram d'essa maneira a condemnação irrevogavel do regimen que ahi está. Se a realeza honra o paiz sempre que se digna baixar os olhos para elle, o paiz, que o consente, segregou-se do progresso d'este seculo e da civilisação do nosso tempo. E n'esse caso, mais do que justificados são os nossos protestos! Se o estado monarchico é um estado providencia, em que o rei nos favorece e nos distingue sempre que se associa aos nossos pezares, os escribas teem razão para glorificar a realeza. Mas não ganham em conceitos nem em creditos no mundo civilisado! Se o chefe da nação tem tantos deveres como o ultimo funccionario em qualquer regimen liberal, a rainha não merece applausos, porque ninguem os merece por cumprir o seu dever. Sua magestade foi ao Porto pelo mesmo motivo, mas com muito menos perigo, porque iria o commandante das guardas municipaes se se insubordinasse a força que lhe deram a guardar, com menos sacrificio do que o pobre amanuense que as intrigas da politica fazem correr mundo, e com muito menos custo e trabalho do que o pobre alferes que fosse com a sua diligencia conter o *microbio* na fronteira.

Ou a realeza tem deveres ou não tem. Se tem, e maiores pela sua cathegoria elevada no funccionalismo e na magistratura do que os de todos os outros cidadãos, a rainha, indo ao Porto a representar o seu marido quando a segunda cidade do reino estava mergulhada na tristeza e no lucto, não merece applausos nenhuns porque cumpriu o mais simples, o mais inadiavel e o mais insignificante dos deveres que a sua posição lhe póde impôr. Se foi caridosa em dar duzentas libras ás victimas do incendio, não o foi mais do que o geral dos portuguezes que deram relativamente mais do que ella deu. E o seu feito passa a sêr da mesma fórma, simples, pequeno, insignificante! Se não tem deveres nenhuns, é uma excrescencia de tal fórma monstruosa nas sociedades actuaes, que temos de corta-la quanto antes para punhonor da patria e dignidade da especie. E ainda n'esse caso, são dispensaveis o favor e a gloria de suas magestades por ridiculas e tristes de sobejo.

Os escribas que contestem n'estes termos, se podem contestar.

O CLERICALISMO

As irmãs da caridade, entre nós, representam um arbitrio monstruoso, um escandalo, um vilissimo ultrage. Ha de sabê-lo o paiz todo, para nossa vergonha eterna, se a patria de José Estevão e Mendes Leite, a terra, que primeiro, ou das primeiras, soltou com altivez o grito liberal, não correr a acudir pelas suas glorias, pela sua honra, pelas suas tradicções.

Esta questão não é para nós de fórma alguma uma questão de partidos, como nenhuma d'aquellas em que nos envolvemos na localidade. Já porque a politica republicana é uma politica de principios, que, se tem muito que vêr com os homens que lhe compromettem e desacreditam o seu ideal, não tem nada que vêr com interesses ou intrigas de corrilhos, já porque nunca estivemos nem estâmos resolvidos a favorecer regeneradores em prejuizo de progressistas ou progresssistas em prejuizo de regeneradores. Esta questão é uma questão patriotica, uma questão de honra. Mais levantada e mais digna ainda do que a questão do lyceu. E por isso a repisaremos e agitaremos tanto tempo, quanto ella permanecer insoluvel. Um anno, dois, tres. Isso pouco importa ao nosso caracter *teimoso* e tenaz.

Poder-nos-hão incommodar e acirrar, os nossos dirigentes, com a sua imposição auctoritaria e despota. Ficaremos tranquillos n'esse incommodo. Porque, como temos a verdade, a justiça e o direito, mais os havemos nós de incommodar, não só n'esta questão como em muitas outras que permanecem para ahi no desprezo do publico ou no esquecimento de todos á falta de quem as saiba levantar com energia e valor. E... agua fria em pedra dura tanto dá até que fura.

Não nos podem suspeitar de questiunculas permanentes e conflictos systematicos porque logo apoz da questão do lyceu levantámos a questão das irmãs da caridade. A questão do lyceu era grave; a questão das irmãs da caridade é gravissima. Ambas ellas vão bater no mesmo fim:—a deshonra e a vergonha d'esta terra. Cruzar os braços deante d'ellas seria um d'aquelles crimes que nós não sabemos commetter. Antes do lyceu, deixámos mais ou menos em paz e á vontade os dirigentes progressistas. Em paz os deixariamos depois, se não surgisse essa vergonha das irmãs da caridade. Coincidiram os dois casos na mesma occasião? A culpa não é nossa.

Repetimos: se ficar insoluvel a pendencia não seremos nós os mais incommodados. Porque, no fim de contas, este negocio das *irmãs do hospital*, se vale para a cidade, se vale para nós, não vale um caracol para os dirigentes progressistas. Porque as conservam então? Porque é e para que é essa teima, que só tem a propriedade d'acirrar e irritar? Estâmos a vêr que aquelles homens nem sabem sêr politicos, na accepção de campanario que se dá a este termo.

Quem aspira a dirigir, quem aspira a governar, deve primeiro do que tudo affastar tantos attrictos quantos possa, e transigir, sempre que não haja perigo do seu poderio ou do seu mando. Porque transigir é vencer. Porque a conciliação representa muitas vezes um triumpho. E levantar attrictos, e juntar obstaculos, principalmente em coisas insignificantes para quem põe e dispõe, só um louco o pensa e o faz.

Perderam ou ganharam os dirigentes progressistas com a maneira sensata e digna porque resolveram a pendencia do lyceu? Ganharam por todas as fórmas e sob todos os pontos de vista. Ganharam em respeito da opinião publica, que foram os primeiros a acatar e respeitar; ganharam pela opposição tenaz que adquiriam aos seus actos subsequentes, e que souberam acalmar e tranquillisar; ganharam pelos muitos conflictos, que se haviam de prender com uma resolução desfavoravel aos desejos da maioria da cidade e que prudentemente e dignamente souberam evitar. Mais n'essa pendencia havia uma allegação d'interesses superiores! Assim ganhariam agora mandando em paz para o Porto as irmãs da caridade, a que se não prendem os interesses e as considerações que se prendiam á questão do lyceu. Ganhariam, pois, mais e melhor.

«Mas o nosso fim foi economisar, foi favorecer o estado do hospital», dir-nos-ha o sr. Almeida Vilhena, provedor da Santa Casa e, tristemente, o introductor das irmãs da caridade em Aveiro! Seria. Queremos mesmo acreditar nas bôas intenções d'aquelle cavalheiro. Porém... errare humanum est. O sr. Almeida Vilhena nem é infallivel nem divino e por conseguinte está sujeito a errar como todos os homens. O sr. Almeida Vilhena errou, porque essas economias são d'aquellas em que o barato sahe caro.

Não ha economia nenhuma que pague o risco e o perigo que ficam correndo as familias aveirenses, no socego do seu lar, no amor da sua casa, com a vibora jesuitica á porta da rua. Não ha economia nenhuma que pague a degradação e o aviltamento de Aveiro recebendo entre si aquella gente, que produziu as desgraças e as tristes aventuras da filha de Antonio Augusto Coelho de Magalhães. Não ha economia nenhuma que pague um ultrage á memoria de José Estevão, principalmente quando estâmos annunciando ao mundo a glorificação d'esse nome para d'aqui a tres mezes. Isso é que não ha. E haja alguem que venha a publico dizer o contrario.

As irmãs da caridade, entre nós, são um arbitrio monstruoso, um escandalo, um vilissimo ultraje, como escrevemos no principio d'este artigo. Um arbitrio monstruoso, porque sendo a mesa da Santa Casa da Misericordia uma mesa provisoria, nomeada pelos agentes do governo, não

representando de nenhum modo o suffragio dos irmãos, não podia nem devia recorrer a expedientes extraordinarios como foi esse de demittir o pessoal civil do hospital para dar entrada ás irmãs da caridade. Foi uma irregularidade gravissima. Foi um arbitrio sem nome, que só o atrazo da nossa educação politica e a fraqueza dos nossos costumes poderia tolerar impunemente.

Um escandalo, porque depois da conducta d'essa rapariga, a que nos temos referido, com seu pae e sua mãe, só por escarneo e insulto se póde admittir o acto menos decente e menos regular do sr. Almeida Vilhena.

Um ultraje vilissimo, porque sendo os discursos contra as irmãs da caridade um dos mais bellos florões da corôa de gloria de José Estevão, tendo o grande tribuno empregado o melhor do seu talento e da sua influencia em as repellir e combater, acceita-l'as e chama-l'as agora á sua terra é um verdadeiro repudio do nome do nosso grande orador, é um escarneo ás suas cinzas, é uma verdadeira infamia.

Não haveria economia nenhuma para, sequer, attenuar tamanhos attentados. Sendo a economia nulla ou insignificante, porque as mulhersinhas não querem tratar certas doenças e então sempre tem de se empregar o pessoal civil, não sabemos que dizer d'essa loucura que a mesa progressista praticou.

Não fica mal a ninguem reconsiderar e é sempre honroso obedecer á opinião publica. A mesa da Santa Casa que reconsidere, e ganham com isso o prestigio e a auctoridade do seu partido. Se não quizer reconsiderar, a cidade saberá acceitar o repto e desaffrontar-se como deve.

Quanto a nós, *olho por olho, dente por dente!*

E voltaremos ao assumpto.

Carta de Lisboa

20 de Abril.

Apresentou-se sabbado na camara o sr. Pinheiro Chagas. Teve uma *recepção heroica*, como era d'esperar. N'uma outra assembleia, o sr. Pinheiro Chagas, que é um dos cumplices mais poderosos nos crimes dirigentes da sociedade portugueza, poderia muito bem ser recebido como réo. No nosso parlamento foi regular e coherente tudo quanto lhe fizeram. Foi até regular que o sr. Marianno de Carvalho, *o infamissimo canalha que entrou no ministerio da fazenda para roubar os cofres publicos*, abraçasse o sr. Pinheiro Chagas e lhe tecesse louvores e glorias; e que o sr. Pinheiro Chagas, *o outro canalha*, (não são nossas estas phrases, é de vêr) *que recebeu dez mil libras de luvas pelas suas tramoias como ministro da marinha*, respondesse aos louvores e ás lagrimas do sr. ministro da fazenda, com louvores e lagrimas egualmente sinceras e sentidas. Coherente e digno! Naturalissimo que n'um lameiro não haja senão lama e n'uma esterqueira não haja senão esterco.

Ramalho Ortigão acaba d'escrever n'um *Album de Costumes*, que se começou a publicar, isto dos politicos:—«Presentemente quem traz bicharia nas barbas, saccola ao peito e feridas á mostra para ganhar a vida, são os rhetoricos da coisa publica, até ao momento em que, chegados ao governo ou ao syndicato, os vêmos como Xisto V atirar com as muletas, do alto da burra, ao espanto das almas bemfazejas.»

Muito bem. Estas palavras, já porque veem d'um escriptor insuspeito, já porque estâmos aborrecidos de mexer tanto na porcaria indigena, dispensam-nos qualquer commentario ao desfecho da triste questão Pinheiro Chagas. Demais teremos tocado nos repugnantes incidentes do conflicto Pinto-Chagas para termos coragem de lhe tocar outra vez.

Bicharia nas barbas, saccola ao peito, feridas pintadas no corpo! E' isso mesmo. E por sêr isso é assim, todo o mundo, que anda longe das especulações e traficancias dos partidos, desviou os olhos com tedio da sessão de sabbado ultimo na camara dos srs. deputados da nação portugueza.

Isto pelo que toca á familia monarchica. Pelo que toca *á nossa familia* republicana, mais duas palavras.

Pouco importa que o *Seculo* seja tão indigno como o geral dos seus camaradas na imprensa. E que por isso esqueça todos os problemas sociaes e politicos da nação portugueza por uma mesquinha conducta e uma misera propaganda d'interesses de corrilho, e vaidade de meia duzia de beleguins que o redigem. E que por isso, tendo insultado o sr. Pinheiro Chagas, com o mesmo director e os mesmos redactores desatasse por fim a enverniza-lo de santidade e pureza.

Ou Luiza Michel, que vae e vem de Nova Caledonia sem desmentir uma unica das suas affirmações, apezar dos seus ideaes aberrantes; ou Rochefort, que tem arriscado vinte vezes a vida em defeza dos seus principios e da sua honra, ou estes monarchistas e republiqueiros, que calumniam e babam a cada instante os revolucionarios francezes!

Pouco importa, como iamos dizendo. Fica com elles a responsabilidade. E não importa ainda muito que o sr. Consiglieri Pedroso siga na camara o exemplo e as pisadas do *Seculo*, consumindo a sua intelligencia e a sua actividade em opposição regeneradora, com desprezo manifesto dos interesses republicanos. Compromette immenso a causa democratica; mas, emfim, os seus eleitores que cortem o mal pela raiz. Ora agora o que importa, e muito, é que o sr. Pedroso leve o abuso tão longe que vá para a camara falar em *nome do partido republicano*, sem procuração e sem poderes para isso.

Diz um jornal que o sr. Pedroso, em *nome do partido republicano*, se associára á apotheose feita ao sr. Pinheiro Chagas. Alto lá! Em seu nome, ou em nome do sr. Elias Garcia, o que quizer. Em nome do partido republicano, emende a lingua e recolha o bedelho!

Que tal está? Não bastava aquelle homem ter perdido a occasião magnifica do ataque do Pinto, e das heresias que se lhe succederam, para fulminar a monarchia; não basta ter deixado perder a reconciliação do sr. Marianno com o sr. Chagas para pôr a nú as torpezas, as podridões e os relaxamentos de caracteres no regimen actual! Ainda vae associar o nome do partido republicano a todas aquellas pequeninas miserias. Ora não torne, que basta-lhe lêr este jornal para saber que no partido republicano ha muito quem proteste contra essas scenas de baixo imperio. Não torne, e aqui lhe fica dicto á bôa paz. Se tornar, ha de lhe soffrer d'outra maneira as consequencias. Fale por si ou pelos seus intimos, que já não é pouco.

—A Relação mandou que o juiz da Boa Hora reformasse o seu despacho de pronuncia sobre o réo Manuel Joaquim Pinto. O juiz, como se sabe, pronunciou o famoso anarchista como auctor de ferimentos voluntarios. A Relação mandou-o pronunciar como auctor de homicidio frustrado. Com que fundamentos? Nenhuns, absolutamente nenhuns que tenham peso e valor. Quem nos lê recorda-se, por certo, do que dissemos a esse respeito. Escusâmos de o repetir.

Nem as barbaridades com que o tal representante do ministerio publico fundamentou o aggravo, barbaridades que, entre outras, o chamado orgão da democracia portugueza deixou passar em claro, metteram um bocado de senso e justiça no bestunto dos juizes do tribunal da Relação! Talvez o caso se explique por este curioso annuncio, que appareceu no *Diario de Noticias* de 12 do corrente mez d'abril:

«Dão-se alviçaras de 20 libras sterlinas a quem obtiver uma sentença justa n'um tribunal. O annunciante tem do seu lado a justiça.»

Tal é a confiança, que a rectidão e a lei inspiram ao povo portuguez, em fins do *seculo das luzes!* Aquelle dá 20 libras a quem lhe obtiver uma *sentença justa* nos nossos tribunaes. Eis o respeito e o acatamento, que lhe merecem os nossos juizes! E como aquelle pensam todos os infelizes, todos os desgraçados d'essa plebe opprimida e desesperada. Quer dizer, a justiça é palavra vã na nossa terra. O que vale é o dinheiro, são as influencias, são todos os meios deleterios d'este corpo gangrenado e podre. E então podia o Pinto ter muitas circumstancias attenuantes, que nenhuma valeria. Uma pouca de justiça que bruxoleasse nas trevas, uma cabeça mais sã que se erguesse, essa seria para logo cortada por estes modernos phariseus do constitucionalismo, como a outra extincta pelas corujas da civilisação nacional.

—O sr. Antonio Candido disse n'um sarau, que se realisou em S. Carlos, que a esmola em larga escala é o mais infallivel remedio e a cura mais efficaz dos desequilibrios sociaes. Oh! Oh! O redemptor da humanidade! E foram-se as desegualdades odiosas, os soffrimentos, as miserias dos escravos brancos! Cada dentista... E cada ignorante...

—Vae acabando a charlatanice, que se desenvolveu com o incendio do theatro Baquet, e que nós fomos o primeiro a censurar. Ainda bem.

—O sr. Dias Ferreira combateu na camara as reivindicações da classe operaria. Fez muito bem! E ahi estão dois dignos representantes da cidade de Aveiro: elle e o sr. Antonio Candido! As classes trabalhadoras que continuem a votar nos dois.

—Parece que se realisa ámanhã uma missa campal, em acção de graças pelas melhoras d'el-rei. Cada vez tem menos senso, esta gente. Pois julgam que illudem alguem sobre o estado do sr. D. Luiz? Não vêem que não é necessaria nenhuma perspicacia, para se reconhecer que o sr. D. Luiz não vae melhor? Ha dois mezes sua magestade sahiu a passeiar Isso n'um dia ou dois. Em seguida voltou a encerrar-se no palacio da Ajuda, d'onde nunca mais tornou a sahir para cousa alguma. E' preciso outra prova de que o rei não está melhor? Pois não vê todo o mundo que não está? Para que são essas missas, essas festas? Uma missa em acção de graças pelas melhoras d'el-rei, mas a que o rei não póde assistir! Já viram disparate assim?

Insensatos. O rei está peior, cada vez peior. Avisinha-se do tumulo a passos de gigante. E entretanto accentua-se a guerra, proveniente das invejas de poderio e de mando, entre o anjo da caridade e o *anjo da virtude*, ou entre a sogra e a nora, que se não podem vêr uma á outra. Ai, caridades, caridades! Quem terá caridade de nós!

— Não foram setenta, mas 65 os da *berzundella* do Poço do Bispo. E para sermos probos diremos que este bello termo berzundella é d'um amigo nosso. A apotheose do sr. Magalhães Lima no... Poço do Bispo! Está dicto. Não precisâmos de mais nada. E depois quem mata pelo ridiculo o sr. Magalhães Lima somos nós, não são os proprios amigos d'elle!

Mas porque é que não iriam para o Poço uns *seis radicaes*, que andaram por ahi a cantar loas ao loiro tribuno da rua Formosa?

Ah! Já percebemos. E' porque já lá estavam! E lá é que estão bem. Isto, *radicalismo para a gente vêr se o sr. Magalhães Lima nos mette no Seculo*, não serve. E ha para ahi uns *radicaes* dissidentes n'esse sentido. Uns pobres homens, que precisam do sr. Magalhães Lima para qualquer coisa, e que, então, não *transigindo com os outros* transigem com esse. Ora... poço, poço! Se o radicalismo quer marchar é pôr de banda impecilhos d'essa natureza. Porque, admittâmos que o sr. Magalhães Lima seja muito bom rapaz. Como nunca ninguem sabe quando o tem por os pés nem por a cabeça, é um homem impossivel em politica. Bom rapaz! Mas d'aquelles bons rapazes, que são peiores que os maus. Bons rapazes, mas como a vida publica *não vae* com bons rapazes, Deus o tenha no céo, longe de nós.

Temos dicto isto muita vez e ainda bem que vae vencendo a verdade.

Y.

Carta da Bairrada

Abril, 20.

Estâmos na febre das exposições. A' de Lisboa, a que já nos referimos, desejosos de que a Bairrada se fizesse alli representar dignamente, outras se seguirão no paiz, locaes, com o caracter de estimular o productor e attrahir o consumidor. São para louvar estes emprehendimentos no campo do trabalho e das explorações industriaes, tanto mais dignos de apreço, se partem, como a projectada exposição de Barcellos, do corpo municipal e dos individuos mais illustrados do concelho.

Quem déra que as municipalidades da Bairrada tivessem d'estas iniciativas e d'estes planos de engrandecimento para a industria da localidade — o vinho, hoje tão cercada de contingencias e ameaçada pelo jogo de tantos interesses postos em concorrencia desleal!

Louvores, pois, sejam dados á camara de Barcellos que vae realisar em maio proximo uma exposição agricola dos productos do concelho, animando os lavradores com a concessão d'alguns premios e dando o exemplo, muito para seguir, de se preoccupar com os negocios da vida rural dos seus municipes. Por fortuna, o deputado por Barcellos acompanhou sollicita e dignamente o pensamento da camara, empenhando-se em obter do governo, como já obteve, alguns subsidios valiosos para a projectada exposição. Ao vermos o interesse que o deputado por Barcellos presta ás cousas do seu circulo, occorre-nos naturalmente perguntar se alguem já teve noticia de que o deputado por Anadia fizesse o menor serviço ao circulo que o elegeu? A não ser que tenha obtido alguma transferencia d'algum soldado, ou dado andamento a algum despacho para beneficiar alguns dignos membros da enorme familia dos padres, em cujas mãos tem andado a politica progressista na Bairrada, não sabemos que o representante do circulo de Anadia se haja incommodado com os negocios do seu burgo... emprestado. E' verdade que elle deveu a sua eleição simplesmente á circumstancia especial de ser particular e secretario do sr. presidente do conselho, que tinha em Anadia os seus direitos feudaes, transmittidos, quem sabe se incondicionalmente, ao digno successor que os campanarios da Bairrada se ufanaram de proclamar deputado por Anadia.

BIBLIOGRAPHIA

Oliveira Martins. *Estudo de psychologia por G. Moniz Barreto.* Paris — Guillard, Aillaud & C.ª — rua de Saint André-des-Arts, 47.

Um bom trabalho critico, ou de verdadeiro estudo psychologico como o seu proprio nome indica, que demonstra erudição e talento no seu auctor. O sr. Barreto deixa-se, no emtanto, ás vezes arrastar pela admiração que possue pelo sr. Oliveira Martins, o que lhe ha de provocar desaccordos com quem veja o escriptor sem vêr o homem, ou ao menos com os que tenham menor predilecção pelo temperamento especial do director da *Provincia*. E' certo que no pequeno livro que estâmos folheando se encontram phrases como estas: «Este genero d'espirito é fadado, pela sua estructura, ás verdades importantes e aos *erros frequentes*, e nem umas, nem os outros faltam nos trabalhos do sr. Oliveira Martins. Quem o leu, observou de certo, que elle se contenta com expôr as ideias, muitas vezes novas, sempre interessantes, que lhe occorrem nas suas explorações atravez da historia, sem procurar fundamentar as suas theorias e tornar evidente aquillo que considera como verdadeiro. *Nada merece nas suas obras o nome de demonstrado.*»

E isto diz tudo. Mas a par d'isto o sr. Barreto não hesita em collocar o sr. Oliveira Martins quasi nas eminencias geniaes e vae até proferir heresias como esta, quando encara o seu protogonista politicamente: «Não é difficil mostrar a clara coherencia que liga as suas opiniões de hontem aos seus actos de hoje, e os seus vinte annos de historia aos seus dois annos de politica.» Ora quem lêu o *Portugal Contemporaneo* não hesita em ser d'opinião, bem fundada, inteiramente contraria á do sr. Moniz Barreto e em concordar que este cavalheiro nem sempre obedeceu a um raciocinio frio. Quem lêu o *Portugal Contemporaneo*, quem viu a ironia pungente com que o sr. Oliveira Martins tratou o constitucionalismo e o destino que lhe traçou, em vez d'encontrar essa *clara coherencia* a que se refere o nosso auctor, pasma antes da contradicção manifesta entre as opiniões do homem do *Portugal Contemporaneo* e os actos do corypheu do actual partido progressista.

O sr. Oliveira Martins não resolveu continuar na politica a sua *Historia de Portugal*. Ou antes, *resolveria*, se o sr. Barreto assim o quer. Mas o que elle realmente continuou e continua é a *degringolade*, a falta de convicções e de seriedade, o sentimentalismo e a perfidia do constitucionalismo do seu *Portugal Contemporaneo*. Resolveria! Mas se nas suas *obras não ha nada de demonstrado*, na sua politica não ha nada de positivo e pratico.

Porém, onde o sr. Barreto admira mais o sr. Oliveira Martins é nos retratos, no estudo dos caracteres. Ora ahi mesmo são palpaveis e salientes as deficiencias do sr. Oliveira Martins. Pintou bem Affonso Henriques, Pedro I e Alexandre Herculano? Talvez. As apreciações n'esse ponto variam conforme o sentir psychologico de cada individuo, e cada individuo o póde justificar e expôr sem difficuldade maior. Mas pintou mal D. Miguel de Bragança, até certo ponto, como bem lh'o disse Rodrigues de Freitas, e, menos correctamente, Mousinho, José Estevão e outros.

Emfim, com deficiencias no estudo dos caracteres, onde o sr. Barreto o achava eximio, com a theoria do acaso, que não é o melhor pedestal de gloria, sem profunda erudição scientifica, *não primando pelos dotes litterarios*, assassino da grammatica e da lingua nacional, sem verdades demonstradas nas suas obras, não ligando as suas opiniões com os seus actos, não nos parece que o sr. Oliveira Martins paire incontestado e sereno nas regiões do superior e do bello. Tem talento, tem bastante merecimento, mas

d'ahi até ao genio vae um grau difficil de transpôr. E' verdade que o sr. Barreto tambem lhe não quer dar esse grau. Mas, entretanto, concede-lhe um realce com que não estâmos d'accordo.

De resto, o trabalho, a que nos estâmos referindo, bem demonstra que o seu auctor não é um insignificante como outros muitos que ahi pullulam mais conhecidos e mais laureados.

*

Egas Moniz, *drama em cinco actos seguido de notas, bosquejo apologetico e additamentos por Theotonio Flavio da Silveira.* Da mesma casa editora Guillard, Aillaud & C.ª

Assumpto epico, soberbo, em que o auctor podia desenhar com mão de mestre um dos quadros mais celebres da historia do mundo. Em que poderia encarnar nos espectadores e nos ouvintes, á força de vida, de movimento e de acção, com palhetadas de côres ricas e pujantes, os personagens dos primeiros annos da monarchia portugueza, que tanto se prestam a esses realces pela sua magestade e imponencia naturaes. Ao auctor faltam-lhe os recursos necessarios para tanto. Como que fraqueja perante a grandeza da scena. Entretanto, o livro tem valor e demonstra sobretudo applicação, trabalho e modestia, qualidades apreciaveis em escriptor que quasi se apresenta ao publico pela primeira vez. Encontram-se n'elle scenas bem combinadas e eloquentes, como são as de Garcia de Lara e Pedro Sarmento com o bispo Gelmires, e em especial as de Egas Moniz no acampamento e no palacio do rei de Leão. Além d'isso todo o drama respira licções de honra, moral e heroismo, suaves n'estes tempos d'immundicies litterarias, e visando á propaganda e ao conhecimento d'um dos factos mais escuros da historia portugueza, são incontestaveis os serviços do auctor aos progressos nacionaes. Por isso o louvâmos e o incitâmos a progredir.

*

A Fateixa, *publicação mensal sobre coisas portuguezas.*—Recebemos o numero correspondente ao mez de fevereiro, que nos agrada mais que o de janeiro, porque se lança com valentia e coragem ás podridões sociaes que por ahi vão. Cyllene levanta muito bem os exaggeros com que se apontam os abusos dos editores, que no geral perdem mais do que ganham com as suas edições. Telmo põe no bom terreno a questão Pinheiro Chagas e sova com justiça as velleidades tolas da classe academica. João Bohemio parte a fundo sobre o lyrismo nacional, e Zara e Crimmel revelam boas aptidões na troça da lavagem do Senhor dos Passos da Graça e na critica do fôro academico.

Deposito na livraria de Barros & Filha, rua do Almada, 104 a 114—Porto. Custa 200 réis.

NOTICIARIO

O «Povo de Aveiro» vende-se em Lisboa, na rua do Arsenal, n.º 96.

Estiveram ante-hontem n'esta cidade os nossos presadissimos amigos, os srs. Antonio Maria Ferreira e João Ferreira, acreditados negociantes da praça de Lisboa.

Realisou-se na quarta-feira em Lisboa o concurso para a construcção da segunda empreitada geral de estradas do districto de Aveiro. Foram oito os licitantes, que offereceram os preços seguintes:

João Caetano Pereira da Silva, 183:290$000; Francisco da Conceição e Silva, 178:000$000; Julio Cesar Ferreira Duarte, 174:100$000; João Martins, 172:000$000; Francisco Correia de Almeida Guimarães e Miguel Cardoso Pessoa, 165:700$000; Alexandre Gomes da Costa e Manuel José Pereira de Azevedo, 165:000$000; Joseph William Henry Bleck, 161:900$000; Joaquim José da Rocha e Souza & C.ª, 161:000$000 réis.

Foi acceite a ultima proposta, que, como se vê, foi a mais favoravel.

Consta que vae ser determinado que ás praças de pret, a que é concedida licença para frequentar os preparatorios nos lyceus do reino, não seja contado o tempo de frequencia de estudos como de serviço.

Diz-se que a estudantina de Coimbra, que tenciona ir brevemente a Hespanha, dará um espectaculo dramatico-musical no theatro Aveirense no dia 5 do proximo mez de maio.

A estudantina é composta de alumnos das faculdades de medicina, mathematica, direito e philosophia. Conta 43 figuras.

Foi approvado o projecto e respectivo orçamento do lanço da estrada districtal n.º 54-A, de Aveiro a Cantanhede, comprehendido entre a Pocariça e a Quinta do Marco, na extensão de 7:990^{m},12.

Recebemos os primeiros numeros do *Radical*, semanario que ha pouco encetou a sua publicação no Porto e que, como o titulo indica, advoga os principios radicaes do partido republicano. Publica-se ás segundas-feiras.

Saudamos o novo combatente, desejando-lhe uma dilatada vida e as maiores venturas.

Uma portaria ultimamente publicada, declara que o reconhecimento das assignaturas dos recibos nos vales do correio está sujeito ao imposto do sêllo de 10 réis, ainda que esses vales representem valores inferiores a 5$000 réis.

No passado domingo um pescador da Murtoza, que se entretinha n'uma taverna em companhia d'outros, deu duas facadas na propria mulher, deixando-a muito ferida, por esta ir alli chamal-o e dirigir-lhe algumas palavras que lhe não agradaram.

O endiabrado homem dispunha-se a mandar a infeliz d'esta para melhor vida, se algumas pessoas lh'a não arrancassem das mãos.

Já é ter amor á esposa!...

Em principios de maio proximo deve reunir o parlamento brazileiro, para se votar o projecto concedendo a liberdade aos escravos existentes no Brazil, cujo numero sóbe a 500:000.

A campanha abolicionista triumpha e em breve a historia celebrará a sua victoria com um dos maiores beneficios prestados á civilisação e á humanidade!

Diz um jornal da Regoa que quando alli chegou á estação o comboyo que conduzia a peregrinação a Roma se deu uma imponente manifestação anti-jesuitica, que se ia tornando em um conflicto bastante grave.

O futuro successor do bispo de Lamego tinha recrutado uns padres das aldeias proximas da Regoa, e uma phylarmonica da localidade, dirigida tambem por um padre, a fim de fazerem uma ovação á chegada do comboyo. Apenas se soube d'este facto, poucos minutos antes da hora regulamentar, houve um movimento de protesto contra a reacção jesuitica, a ponto de na *gare* se formar uma verdadeira onda humana, onde mal se respirava.

Chegando o comboyo á estação, um padre levantou um viva ao sr. de Larissa e comitiva. Foi o bastante. Gritos enthusiasticos se levantaram de: «Viva a liberdade! Viva o marquez de Pombal!», secundados por aquella immensa multidão, que estava alli para castigar a ousadia do futuro bispo de Lamego.

Um padre chegou a ameaçar a multidão; um popular que estava proximo assentou-lhe dois valentes murros, e o povo gritava: «Morram os jesuitas!» Não se conseguiu ouvir o hymno de Leão XIII.

A' partida do comboyo a multidão apupou e assobiou a comitiva.

Dyardin Beaumetz, n'uma nota á Sociedade de Medicina Pratica, de Pariz, communica um novo e efficaz tratamento para a tysica pulmonar. Mandou desinfectar muitas salas do hospital de Cherburgo por meio do acido sulphuroso produzido pela combustão do enxofre. N'uma das salas estavam os tysicos, de tal modo graves, que com difficuldade podiam ser mudados. Logo depois da operação viu-se que reviviam, e três mezes mais tarde sahiam do hospital curados.

Dyardin reproduziu em seguida a experiencia no hospital Cochin. Para este fim fez queimar uma porção de enxofre na razão de 20 grãos por metro cubico; a sala permaneceu hermeticamente fechada durante doze horas; depois abriu-se e foram installados n'ella alguns tysicos durante oito horas. Esta experiencia foi repetida por muitos dias. O tratamento não determinou tosse nem hemoptysis; os bacillos diminuiram e o estado geral dos doentes melhorou.

As auctoridades de Vizeu estão procedendo contra um curandeiro que existe para os lados de Tondella, mas que tem causado já grande mal a varias pessoas d'aquella cidade. Dizendo-se possuidor d'um remedio efficaz e infallivel para a cura dos cirros, deixa as pobres victimas que lhe cahem nas mãos em estado lastimavel, aggravando-lhes a doença terrivel e augmentando os soffrimentos que ella produz. Só ha dias é que se descobriu a damninha industria d'aquelle perigoso brutamontes, que merece um bom castigo.

Guerra sem trégnas a essa raça prejudicialissima de impostores, a essa sucia de malandros que por ahi ha.

As audiencias geraes d'esta comarca principiam no proximo dia 28 do corrente.

Referem de Odessa que na ultima leva de forçados que seguiu para a ilha Saghalina, iam quatro principes.

O primeiro, Witchanof, assassinou uma irmã; outro, Anatiani, foi tambem condemnado por assassino; ainda outro, Nitchevadzi, condemnado por varios roubos; e por ultimo o principe persa Ganju Mirza, condemnado a trabalhos publicos por ter matado um irmão a quem roubou cinco milhões de rublos.

Acaba de ser communicado á Academia de Medicina de Pariz, pelo dr. Delthil, a descoberta de um remedio infallivel contra o garrotilho, o qual consiste em accender uma mistura de terbentina e agua-raz junto ao leito do doente.

Logo que o fumo começa a invadir o aposento, manifesta-se no enfermo um bem estar visivel e as falsas membranas deslocam-se e são expectoradas; o tratamento completa-se em dois ou tres dias com lavagens da garganta.

Uma folha franceza conta a seguinte anecdota a respeito do celebre prestidigitador Hermann:

Em 1867, no Brazil, então em guerra com o Paraguay, Hermann foi ao proprio theatro da guerra dar algumas representações em beneficio dos inundados do Loire. Um dia, entrando no quartel-general brazileiro, onde estavam muitos officiaes, viu sobre a meza um baralho de cartas e dando-o a um coronel italiano, disse:

—Tire d'aqui uma carta... Conhece-a?

—Perfeitamente.

—Colloque-a sobre a meza, virada para baixo, ponha-lhe a mão em cima... Está segura?

—Está.

—Se eu a trocar por outra, faz-me o que lhe pedir?

—Faço.

—Muito bem, queira vêr a carta.

O coronel voltou a carta.

Era outra.

—Prometteu fazer-me o que eu pedisse, observou então Hermann. Pois bem, peço-lhe o perdão de um francez, desertor, que vae ser fusilado.

O coronel hesitou.

—Vá lá, disse emfim.

E o francez foi salvo.

Pedem-nos a publicação do seguinte:

O Trabalhador

Vae em breve encetar a sua lide na imprensa esta folha semanal publicada por um grupo de operarios do Porto para advogar a causa do povo trabalhador, sempre menosprezada e desattendida pela burguezia capitalista e dominadora, não seguindo todavia a linha de conducta dos anarchistas.

Será uma revista consciencioso da questão social e do movimento operario redigida por elementos uteis da classe trabalhadora.

Recebem assignaturas no Porto os srs.: Cunha, largo da Fontinha, 50; M. J. Martins, rua do Almada, 487; J. Ribeiro, rua de Santo Ildefenso, 69; M. J. da Silva, rua da Piedade, 230; Caldeira, rua do Montebello, 157.

PUBLICAÇÕES

Recebemos as seguintes, que muito agradecemos:

Os Amores do Assassino, por M. Jogand, illustrado com bellas gravuras e chromos a finissimas côres. Fasciculo n.º 12.—Editores, Belem & C.ª, rua da Cruz de Pau, 26, Lisboa.

— *O Mundo Elegante*, magnifico jornal de modas. N.º 16, do 2.º anno.

— *As Doidas em Pariz*, por Xavier de Montepin, illustrado com primorosas gravuras e chromos a finissimas côres. Segunda edição. Caderneta n.º 22.—Editores, Belem & C.ª, rua da Cruz de Pau, 26, Lisboa.

— *A Illustração Portugueza*, revista litteraria e artistica. N.os 38 e 39, do quarto anno.—Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar, Lisboa.

ANNUNCIOS

Genebra Moreira

CHAMA-SE a attenção dos srs. consumidores para estas qualidades de genebra.

E' a mais barata, mais aromatica e estomacal até hoje conhecida.

Continúa a ter acolhimento geral em todo o paiz; tendo sido premiada nas duas ultimas exposições portuguezas de 1884 e 1887.

Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registada) de MOREIRA & C.ª e a rolha com a firma *(fac-simile)* dos fabricantes.

FATOS PARA O VERÃO

MANUEL Ferreira Martins, com estabelecimento de alfaiate na rua Direita, acaba de receber um variado sortimento de fazendas para o verão, de gostos lindissimos e modernos.

E' vêr para crêr.

JOAQUIM FERREIRA MARTINS

PARTICIPA aos seus amigos e freguezes que acaba de receber um lindo e variado sortido de fazendas proprias para roupas de verão.

No seu estabelecimento, á rua Direita, executam-se fatos por preços baratissimos.

Vinho Nutritivo de Carne

Privilegiado, auctorisado pelo governo e approvado pela junta consultiva de saude publica de Portugal e pela Inspectoria Geral de Hygiene da côrte do Rio de Janeiro.

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dóse, com quaesquer bolachinhas, é um excellente «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se egual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco—Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

HOTEL CENTRAL

DE

MANUEL FRANCISCO LEITÃO

(CINCO RUAS) — AVEIRO

ESTE Hotel, recentemente montado, acha-se nas condições de satisfazer a todas as exigencias.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se à venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco—Filhos, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 réis. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

AGENCIA ECONOMICA, MARITIMA E COMMERCIAL

PASSAGENS DE TODAS AS CLASSES EM TODAS AS COMPANHIAS

PARA

PARA', MARANHÃO, CEARA' E MANAUS

PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, SANTOS E RIO GRANDE DO SUL

Preços sem competencia

Passagens de 3.ª classe a 25$000 réis

Para a provincia de *S. Paulo* dão-se passagens gratis.

Para informações e contrato de passagens, trata-se unicamente em Aveiro, rua dos Mercadores, 19 a 23, com o correspondente

Manuel José Soares dos Reis.

ATTENÇÃO. — O annunciante encarrega-se da liquidação de heranças e quaesquer outros negocios em todo o imperio do Brazil, mediante modica commissão.

Na rua dos Mercadores, n.os 19 a 23, em Aveiro, fazem-se guarda-soes de todas as qualidades, concertam-se e cobrem-se com sedas nacionaes e outras fazendas.

Trabalhos perfeitos e preços baratissimos.

REMEDIOS DE AYER

Peitoral de cereja de Ayer—O remedio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Tuberculos pulmonares.

Extracto composto de salsaparrilha de Ayer—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

O remedio de Ayer contra as sezões—Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas catharticas de Ayer—O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.

Acido Phosphato de Horsford's

E' um agradavel e saudavel **REFRESCO.** Misturado apenas com agua e assucar faz uma bebida deliciosa, e é um especifico contra nervoso e dôres de cabeça; sendo tomado depois de jantar auxilia muito a digestão. E' baratissimo porque basta meia colherinha do acido para meio copo de agua.

Os agentes JAMES CASSELS & C.ª, rua de Mousinho da Silveira, 127, 1.º, Porto, dão as formulas de todos estes remedios aos srs. Facultativos que as requisitarem.

Perfeito Desinfectante e Purificante de JEYES, para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura de nodoas de roupa, limpar metaes, e curar feridas.

Vende-se nas principaes pharmacias e drogarias. Preço, 240 réis.

LOTERIAS

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA, com casa de cambio na **rua do Arsenal, 56 a 64, LISBOA,** e filial no **PORTO, Feira de S. Bento, 33 a 35,** faz sciente o publico da capital, provincias e ilhas que tem sempre nos seus estabelecimentos grande sortimento de bilhetes e suas divisões das loterias portugueza e hespanhola.

Satisfaz todos os pedidos, na volta do correio, em carta registrada, quer para jogo particular ou para negocio; os pedidos devem ser acompanhados de suas importancias, e as remessas feitas tambem em cartas registradas.

Envia em tempo listas; mas é conveniente fazer o pedido d'estas na occasião da requisição do jogo, isto para os pedidos particulares.

Os commerciantes que quizerem ampliar o seu commercio e negociarem em loterias, podem fazel-o dando referencias, fazendo os seus pedidos e recambiando o que não poderem vender até á vespera de se effectuar o sorteio. **E' negocio em que ha tudo a ganhar e nada a perder!**

As loterias portuguezas são tres cada mez; e os premios maiores de réis **8:000$000.**

Bilhetes a 4$800 réis; meios bilhetes a 2$400; quartos a 1$200; oitavos a 600; e cautellas a 520, 440, 260, 220, 130, 110, 65, 55, 45 e 39 réis.

Os commerciantes da provincia, que quizerem negociar nas loterias de Madrid, téem de tirar uma licença que nas provincias é de 18500 réis por um anno (365 dias). Decreto de 23 de setembro de 1886, publicado no «Diario do Governo» de 28 de setembro de 1886 (n.º 20.)

O cambista Antonio Ignacio da Fonseca promptifica-se a dar todas as explicações e a bem servir o publico, quer para jogo particular ou para revender.

Pedidos ao CAMBISTA

Antonio Ignacio da Fonseca

56, RUA DO ARSENAL, 64

LISBOA

JOÃO AUGUSTO DE SOUZA

COM

OFFICINA DE SERRALHERIA

EM

AVEIRO

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, camas de ferro, fogões, chumbo em barra, prégo d'arame, etc.

DEPOSITO AMERICANO

Apparelhos, Utencilios e Implementos Domesticos, Agricolas e Industriaes.

Agencia e Casa Introductora de Artigos especiaes de Norte-America.

RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 127, PORTO.

REZ-DO-CHÃO.

BOMBAS HYDRAULICAS De POÇO, CYSTERNA &c.

ARAME "CERCA-ESPINHO" Para vedar gado, &c.

GRANDE DEPOSITO DE TUBOS DE FERRO zincados e pretos para CANALIZAÇÕES.

Tubos de Borracha (CAUTCHOC).

FOGÕES CULINARIOS.

ESTUFAS DE SALA.

LOUÇAS DE FERRO "AGATE" Para serviços da cosinha e meza, &c.

ARADOS.

Debulhadoras de Milho.

PRENÇAS Para Fructas e Drogas.

E OUTROS ESPECIALIDADES, &c.

MOTORES A VENTO

(ou Moinhos de Vento)—TUBBINA DE FERRO—systema o mais economico possivel para elevar agua a qualquer distancia.

MACHINAS E ARTIFICIOS DIVERSOS POR ENCOMMENDA.

Aceita-se ORDENS para os Estados Unidos da America, e para Inglaterra

ESCRIPTORIO, 2.º andar, HERBERT CASSELS, Agente, 127, MOUSINHO DA SILVEIRA, PORTO.

(Telefone N.º 250.)

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

A COMPANHIA FABRIL SINGER

ACABA DE FAZER UMA GRANDE BAIXA DE PREÇOS

NAS SUAS TÃO ACREDITADAS E SEM RIVAL

MACHINAS PARA COSER

Novo estojo gratis para fazer trabalhos de phantasia

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

AS SEM RIVAL MACHINAS

SINGER

ACHAM-SE Á VENDA EM AVEIRO

75, RUA DE JOSÉ ESTEVÃO, 79

AVEIRO

SINGER

POR 500 REIS SEMANAES

COM GRANDES DESCONTOS A PROMPTO PAGAMENTO

ADQUIREM-SE AS

MACHINAS PARA COSER

SINGER

com ensino gratis e illimitado em casa do comprador

CONCERTOS GRATIS!

GARANTIA ILLIMITADA

BORDADOS A ALTO RELEVO FEITOS COM LÃ

EM TODAS AS CAPITAES DE DISTRICTO TEM SUCCURSAES

A COMPANHIA FABRIL SINGER